

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

JULIANA VILLALVA OLIVEIRA

MEMORIAL DE FORMAÇÃO

**AÇÃO, HISTÓRIA E MEMÓRIAS NA EDUCAÇÃO
DE JOVENS E ADULTOS**

Campinas
2006

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

JULIANA VILLALVA OLIVEIRA

MEMORIAL DE FORMAÇÃO

**AÇÃO, HISTÓRIA E MEMÓRIAS NA EDUCAÇÃO
DE JOVENS E ADULTOS**

Memorial apresentado ao Curso de Pedagogia- Programa Especial de Formação de Professores em Exercício nos Municípios da Região Metropolitana de Campinas, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, como um dos pré-requisitos para conclusão da Licenciatura em Pedagogia.

Campinas
2006

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Oliveira, Juliana Villalva
OL4a Ação, história e memórias na educação de jovens e adultos : memorial de
formação / Juliana Villalva Oliveira. -- Campinas, SP : [s.n.], 2006.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual
de Campinas, Faculdade de Educação, Programa Especial de Formação de
Professores em Exercício da Região Metropolitana de Campinas (PROESF).

1. Trabalho de conclusão de curso. 2. Memorial. 3. Experiência de vida.
4. Prática docente. 5. Formação de professores. I. Universidade Estadual de
Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

06-411-BFE

Dedico este memorial às pessoas que nunca
deixaram de acreditar na educação.

AGRADECIMENTOS

A Deus pela vida.

A meus pais, Abelardo e Maria José, pelo apoio e carinho.

A meu marido Flávio que esteve ao meu lado em todos os momentos.

Às minhas irmãs, Mariana e Amanda por fazerem parte intensamente desta fase.

À minha Tia Isaura que sempre me incentivou quando tudo parecia estar se acabando.

Às minhas amigas Ana Vergínia, Cristina e Thatiane por todos os dias compartilhados.

Aos assistentes pedagógicos que se empenharam em mostrar todas as faces das teorias.

Sem a “piedade” que descompromete e sem o autoritarismo que anula, o professor, comprometido com a aprendizagem do aluno, é capaz de ajudá-lo a resgatar-se, ajudá-lo a superar-se cognitivamente e avançar em direção ao saber que a escola precisa socializar.”

Jaqueline Moll

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	1
1. DE MEMÓRIA EM MEMÓRIA.....	3
2. A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E SEUS CONTEXTOS.....	7

2.1 A historicidade do conceito de Educação de Jovens e Adultos.....	10
2.2 Novos paradigmas na Educação de Jovens e Adultos.....	13
3 .O DESAFIO DE REOMEÇAR: AQUESTÃO DA FORMAÇÃO.....	16
3.1 A formação dos professores de Educação de Jovens e Adultos	19
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	29

APRESENTAÇÃO

“Se recordo quem fui, outrem me vejo. E o passado é o presente na lembrança”. (REIS, apud SOARES, 1990, p. 37)

Voltar aos bancos escolares e escrever nossas memórias, nossas histórias, não é fácil, principalmente a partir do momento que sabemos que isso será lido e avaliado por um leitor que não nos conhece. Enfim, temos que escrever para quem quer que seja. O ato de escrever nos impulsiona a resgatar tantas coisas que estavam escondidas, que foram muitas vezes guardadas por vontade própria e agora têm que vir à tona. Isso faz com que busquemos mais ainda nos armar para possíveis diálogos, sobre o texto.

Nesta busca em que procuro ver-me como aluna e professora em formação e em exercício, sinto que as duas imbricam-se, embora exista uma dicotomia neste imbricamento. Essa experiência faz-me reavaliar o que fui, o que sou e para onde vou nesta minha trajetória de vida pessoal e profissional.

Ao reinterpretar minha trajetória de vida percebo que esta está seriamente ligada a Educação de Jovens e Adultos (EJA) que foi uma das experiências mais significativas de minha vida. A complexidade do projeto, seu alcance, minha atuação e reflexão sobre todo este processo fizeram de mim o que sou hoje.

A educação popular, como uma concepção geral da educação, via de regra, opõe-se à educação de adultos impulsionada pela educação estatal, e tem ocupado os espaços que a educação de adultos oficial não levou muito a sério.

A EJA neste país está fortemente ligada a organizações não governamentais, partidos políticos, igrejas etc, geralmente situadas em locais onde o Estado omitiu-se, e muitas vezes organizadas em oposição à educação de adultos oficial. Em minha atuação sinto, uma desproporção entre a educação que acredito e a que trabalhei enquanto educadora do Centro Educacional “Maria Vicençotti” pois neste programa não percebia a conscientização pela alfabetização que Paulo Freire tanto defendeu em suas teses.

Os sujeitos que buscam a educação de jovens e adultos lutam para superar suas condições precárias de vida (moradia, saúde, alimentação, transporte, emprego etc), as decepções que sofreram na vida, a falta de oportunidades de estudar quando eram pequenos etc, que estão na raiz do problema do analfabetismo. O desemprego, os baixos salários e as péssimas condições de vida comprometem o processo de alfabetização dos jovens e adultos. Cabe ao educador conhecer as condições de vida dos alfabetizandos, sejam elas objetivas, como o salário, o emprego, a moradia, sejam as condições

subjetivas, como a história de cada grupo, suas lutas, organização, conhecimento, habilidades, ou seja, sua cultura. No entanto, este conhecer deve se dar na convivência com ele e não apenas teoricamente.

Um programa de EJA, por essa razão, não pode ser avaliado apenas pelo seu rigor metodológico, mas pelo impacto gerado na qualidade de vida da população atingida, a educação de adultos está condicionada às possibilidades de uma transformação real das condições de vida do aluno-trabalhador.

O analfabetismo não é uma doença ou erva daninha, mas a negação de um direito ao lado da negação de outros direitos. O analfabetismo não é uma questão pedagógica, mas uma questão essencialmente política.

Por tudo isso, pretendo neste memorial discutir um pouco as premissas apontadas sobre a Educação de Jovens e Adultos, buscando evidenciar um pouco do que seja esta problemática em nosso país, a questão da formação dos educadores e das práticas que a norteiam, relacionando estas questões à minha história de vida e de formação, pois uma está incluída na outra.

A primeira impressão que este texto causará ao leitor é que falo puramente de minha vida particular e profissional, visto que no primeiro capítulo relato fatos que ocorreram em minha vida pessoal. Caminhos que se entrecruzaram e mostraram que a minha opção de vida não poderia ser outra que não fosse a educação.

No segundo capítulo segue um pouco da história da Educação de Jovens e Adultos, pois tudo na vida é registrado, experimentado e transformado e a EJA não foge a essa regra. Nesta busca historicizo a quebra dos paradigmas que nos fazem pensar e agir diferente em nossas salas na atualidade.

E, finalmente, no terceiro capítulo, a volta aos bancos escolares, agora universitários. Num mundo em que existe uma dicotomia entre a tecnologia avançada da modernidade e as escolas paradas no tempo, será a equipe que as compõem que farão a mudanças necessárias para a reorganização das práticas educacionais. E sem uma formação adequada isso não se torna possível. Portanto, os embasamentos teóricos conseguidos nas universidades, aliados a prática diária farão todo o diferencial nesta nova empreitada e a formação oferecida pelo curso de Pedagogia da Unicamp prima por nos levar a estas mudanças de posturas.

Enfim, concluo este trabalho com as considerações que refleti durante o curso e a realização deste trabalho de pesquisa, que tem o EJA como eixo temático.

1. DE MEMÓRIA EM MEMÓRIA

*“O que passou não conta? Indagarão as bocas desprovidas.
Não deixa de valer nunca.
O que passou ensina
com sua garra e seu mel
Por isso é que agora vou assim
no meu caminho. Publicamente andando.”
(MELLO, apud SOARES, 1990, p. 44).*

Narrar as memórias de nossa vida, não é algo fácil, muito pelo contrário, requer esforços e dedicação. Um trabalho no sentido de reviver, refazer, reconstruir, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado.

Ao nos remetermos ao passado, sentimos que temos um árduo desafio a enfrentar sobre nossa história particular, nosso percurso de vida, pois o processo de rememoração nos possibilita refletir sobre nós mesmos.

Refletir sobre as experiências vividas, que agora precisam ser retomadas, de maneira a nos fazer melhorar ou transformar aquilo que parecia irrelevante e agora faz sentido construir conhecimento.

Não poderia deixar de mencionar aqui algumas passagens de minha vida, caminhos que me trouxeram até aqui.

Concluir o primeiro grau aos quatorze anos, em escola pública, onde fui alfabetizada nos moldes tradicionais e também estabeleci grandes laços de amizade que permanecem até hoje, foi uma etapa conquistada, sobretudo, devido ao meu esforço e incentivo dos meus pais.

Quando somos crianças, não entendemos bem certas coisas, sabemos que temos que fazê-las, talvez devido ao fato de termos que sobreviver numa sociedade regrada e disciplinada, que molda o indivíduo conforme seus preceitos e moldes. Fui uma criança saudável, vivi intensamente cada fase de minha infância e, posteriormente, da adolescência.

O conceito de família nuclear, sempre foi muito presente na minha vida. Meus pais, minhas irmãs e eu sempre fomos muito unidos, até hoje. Acredito que isso só foi e é possível, devido ao sentimento de afetividade construído ao longo dos anos, sentimento este, que deveria prevalecer em toda relação professor/aluno. Porém não é o que vivenciamos atualmente, o que torna nosso trabalho bem mais complicado.

A formação da maioria dos profissionais da educação foi no modelo tradicional e estes continuam utilizando-o até hoje nas escolas onde trabalham, ao mesmo tempo,

em que um número considerável deixa se influenciar pela elite, refletindo em suas salas de aula o que exatamente a classe dominante quer.

A estrutura da escola não sofreu modificações, ela foi construída para uma classe homogênea, para uma sociedade elitizada na década de 60, que não evoluiu conforme as transformações sócio-culturais. Não existem hoje, salas de aula homogêneas, esse desejo está longe de ser realizado, pois a sociedade é outra, e não aquela dos anos sessenta, aonde a criança ia para a escola com uma boa educação e formação moral. Além das disciplinas tradicionais havia também aula de religião e canto. A escola ensinava e o aluno aprendia, a disciplina era imposta e não contestada, as famílias eram bem estruturadas e viviam em uma conjuntura social e política (ditadura militar) que não possibilitava grandes tentativas de subversão ao sistema, sob o risco de ser preso, “julgado” e executado.

Atualmente, pode-se dizer que os valores se transformaram e nesta transmutação acabaram se “perdendo” ou se tornando inexistentes, pois eles não podem ser construídos sem que haja uma base forte, que dê sustentação para uma formação sólida e permanente.

Como exigir de nossos alunos atenção, se esta questão está tão longe do meio em que vivem? Em suas casas, dadas as situações econômicas e sociais não são estabelecidos limites. A maioria dos pais é ausente e pouco tempo tem para se preocupar com a educação que seus filhos recebem, uma vez que precisam lutar pela sobrevivência. As ruas, a mídia, são os maiores atrativos, a escola não promove o conhecimento que eles querem aprender. Ficar na escola exige tempo demais, e porque freqüentá-la se existem outros meios de se aprender?

Infelizmente, nós professores, ainda não estamos preparados para lidar com essa nova sociedade, onde os valores estão transformados, porém o que nunca devemos perder, é a esperança que faz questão de alimentar nossas práticas.

Ainda totalmente indecisa em trabalhar na escola ou não resolvi juntar o útil ao agradável, trabalhava numa empresa durante o dia, na área da qualidade e à noite ia para escola como professora.

Acredito que nada na vida acontece por acaso fui contemplada em um sorteio feito na rede municipal onde trabalhava há apenas seis meses para fazer um curso para monitorar as aulas do Telecurso 2000.

Em meados de 1998, somente as pessoas que já possuíam curso superior podiam participar na FIESP (Fundação das Indústrias do Estado de São Paulo) em São Paulo, o qual seria implantado na cidade onde moro – Santo Antonio de Posse, mas abriram

exceção para mim. E por cinco anos pude ensinar a aprender, enfim foi o início da identidade profissional com a escola.

A princípio não foi nada fácil, lidar com pessoas mais velhas que você é um tanto constrangedor, no início. Num primeiro momento, é preciso cativá-los, para que queiram assistir o que você preparou naquele dia. E não era bem assim, uma vez que as aulas já vinham prontas e na verdade o trabalho do professor era fazer adaptações para inseri-las no contexto em que a sala está inserida.

As aulas aconteciam das sete às dez horas e trinta minutos. No começo eu também não sabia se aplicava todas as matérias, ou se apenas duas ou três, enfim só fui descobrir quase no fim do primeiro ano. Sem contar que os alunos vinham de diversos segmentos da escola, uns haviam abandonado a escola há mais de vinte anos, outros dez e outros vinham do ensino supletivo, então a sala era a mais heterogênea possível.

Na época muitas colegas criticavam o fato de eu trabalhar o tempo reduzido diferente do que elas faziam com as crianças no Ensino Fundamental, e ganhar praticamente o mesmo salário. Elas nem imaginavam o quanto era difícil ensiná-los.

O cansaço, a falta de persistência entre outros fatores muitas vezes os desanimava, porém havia todo um trabalho com o psicológico, para conseguir trazê-los realmente para sala de aula.

Havia, no entanto, os que além de se sobressair, adoravam colaborar com os que não conseguiam dominar determinada tarefa, num clima de solidariedade e de trocas entre os pares.

Enfim, trabalhar com adultos me fascina, a troca que ocorre dentro da sala é algo que me impulsiona a procurar cada vez mais melhorar minhas estratégias para levar a essas pessoas o conhecimento, para que possam questionar suas próprias potencialidades, libertando-se de qualquer invasão cultural de teor político, compreendendo a realidade em que vivem de forma clara e sem máscaras.

E realmente acredito como escreveu Paulo Freire, que a escola seja o que ele descreve abaixo:

A escola

Escola é...

o lugar onde se faz amigos,

não se trata só de prédios, salas, quadros,

programas, horários, conceitos...

Escola é, sobretudo, gente,

gente que trabalha, que estuda,
que se alegra, se conhece, se estima.
O diretor é gente,
O coordenador é gente, o professor é gente,
o aluno é gente,
cada funcionário é gente.
E a escola será cada vez melhor
na medida em que cada um
se comporte como colega, amigo, irmão.
Nada de “ilha cercada de gente por todos os lados”.
Nada de conviver com as pessoas e depois descobrir
que não tem amizade a ninguém,
nada de ser como o tijolo que forma a parede,
Indiferente, frio, só.
Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar,
é também criar laços de amizade,
é criar ambiente de camaradagem,
é conviver, é se “amarrar nela”!
Ora, é lógico...
numa escola assim vai ser fácil
estudar, trabalhar, crescer,
fazer amigos, educar-se,
ser feliz.

2. A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E SEUS CONTEXTOS

“Que a educação seja o processo através do qual o indivíduo toma a história em suas próprias mãos, a fim de mudar o rumo da mesma. Como? Acreditando no educando, na sua capacidade de aprender, descobrir, criar soluções, desafiar, enfrentar, propor, escolher e assumir as conseqüências de sua escolha. Mas isso não será possível se continuarmos bitolando os alfabetizados com desenhos pré-formulados para colorir, com textos criados por outros para copiarem, com caminhos pontilhados para seguir, com histórias que alienam, com métodos que não levam em conta a lógica de quem aprende”. (FUCK, 1994, p. 14 - 15)

Retomar hábitos como ler e escrever, pesquisar e resolver desafios lançados na sala de aula são “atitudes” observadas e vivenciadas diariamente no Ensino de Jovens e Adultos (EJA). Lidar com pessoas que abandonaram os estudos por um período curto ou longo é algo complicado e precisa ser tratado com um certo cuidado.

Ao mesmo tempo em que há a necessidade de transmitir conteúdo, há também a necessidade de envolver o aluno com a vida escolar. Apesar dele se sentir fora do esquema da escola, tem que fazer com que ele se sinta ser humano, com ou sem família, com ou sem trabalho, e que a partir desse momento passe a integrar a escola também.

Tudo começa com o querer, e muitas das vezes o querer não é só voltar a estudar, mas sim, querer, através dessa iniciativa, melhorar sua vida.

Agosto de 1998. Por uma impulsão ou vontade própria talvez em trabalhar com jovens e adultos conclui o curso para Monitoramento das aulas do Programa Telecurso 2000 na FIESP (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo).

Ao iniciar as aulas do Telecurso pela primeira vez em minha cidade, Santo Antonio de Posse, duas salas foram abertas e uma seria de minha responsabilidade até o término desse semestre.

Além de tudo “ser novo” o difícil mesmo foi encontrar uma brecha para me infiltrar no mundo desses alunos, alguns adultos, outros jovens, outros idosos.

Como havia muitos alunos que queriam a vaga para ingressar no Programa, e o espaço físico se limitava em duas salas com 45 alunos cada uma, foi aplicada uma prova para seleção das mesmas, com isso o primeiro contato foi ainda mais tenso.

Após o resultado e agora com as classes formadas havia chegado o momento tão esperado. Tudo começou com um bate-papo, onde as apresentações foram extremamente tímidas por parte dos alunos, mas confesso que o constrangimento era de minha parte também.

Nessa primeira turma, talvez eu fosse uma das pessoas mais novas e com pouca experiência. O nervosismo dominou-me por um bom tempo, mas isso foi se transformando com o passar dos dias.

Desde essa época já havia uma cobrança burocrática muito grande na escola onde as salas do Telecurso funcionavam. Apesar de ser um curso diferenciado eu continuava sendo uma funcionária municipal tendo que seguir as imposições da escola. Existia um semanário onde deveria constar a matéria da semana que ainda estava por vir, e para mim tudo isso era em vão, afinal o material para as aulas do Telecurso já vinham prontos e eram seguidos a partir de um livro e uma fita de vídeo. Os alunos faziam as atividades em seu próprio livro, então por qual motivo eu deveria copiar tudo aquilo?

Nos primeiros quinze minutos de aula era feito o levantamento de hipóteses da aula que seria aplicada naquele dia. Por conseguinte o vídeo era pensado para dar uma breve introdução para o desenvolvimento do conteúdo. Como tínhamos apenas duas horas de aula, os alunos não queriam perder um minuto sequer, nada lhes tirava a atenção.

Os vínculos iam se formando, a timidez ia sendo deixada de lado, no entanto as controvérsias com relação à apresentação dos conteúdos e a absorção dos mesmos pelos alunos iam aparecendo. Nesse momento eu já estudava para aplicação de alguns conteúdos, afinal tínhamos que ser polivalente, o propósito agora era encontrar uma outra maneira de ensinar.

Havia um certo apavoramento tanto por parte dos alunos quanto minha, afinal a cobrança desse conteúdo aplicado seria feita, e era anual na época, realizada no SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial). Com certeza esta prova implicaria em avaliar a minha atuação enquanto monitora daquela turma, se os alunos fossem aprovados, ótimo; caso contrário foi a professora que não ensinou. Estava bem claro que os desafios não faltavam, mas talvez fosse isso que me impulsionava cada vez mais.

Como não poderia ser diferente começou um novo ano e com ele, novos desafios, novos rumos, novas conquistas. As duas salas permaneceram afinal de contas só haviam frequentado um semestre e o curso total se completava em um ano e oito meses. Mas havia um problema, eu não tinha tanta autonomia assim dentro da sala de aula, uma vez que minha colega de profissão era muito bem afinada com a direção da escola e até então só as atividades que ela desenvolvia eram as corretas, as melhores e muitas vezes tive que me submeter a elas, contra minha vontade.

No entanto o tempo foi passando e a convivência com os alunos ia melhorando cada vez mais a ponto de ter vários alunos que iam me procurar em casa para conversar sobre a escola, ou sobre a sua vida particular. Tudo estava caminhando muito bem, foi quando veio a informação de que a prova estava marcada.

Nessa época a inscrição era feita por nós professoras do Telecurso, afinal vivíamos numa escola municipal com um certo assistencialismo. O aluno realmente só tinha o trabalho de freqüentar as aulas.

A parte burocrática que cabia a ele, ficava por conta dos monitores: recolhimento de documentos, gasto com o carro e combustível, pois as inscrições eram feitas em cidades vizinhas.

No dia marcado acompanhávamos os alunos até essa cidade e ficávamos aguardando o término da prova. Daí sim é que vinham os sonhos, os desesperos, um sentimento qualquer para expressar o que aquele dia tinha de significado para os alunos.

Depois de um ano e meio de estudo, esforço e dedicação muitos resultados foram bons, quase oitenta por cento dos alunos atingiram seu objetivo e achavam que tinham se superado, então só restava aguardar a chegada do tão sonhado diploma de conclusão do primeiro grau.

Apesar de toda esta burocratização, que vivenciava, ficava sempre a inquietação sobre o porque de não se ofertar outras práticas educacionais a estas pessoas com aulas muito mais dinâmicas, inclusivas e participantes.

Assim o professor teria mais autonomia para mudar o que não concorda, trabalhar com temas mais próximos a vivência dos alunos, ajudando-os a perceberem-se como ser no mundo, para que possam agir sobre ele, que era o ideal de Paulo Freire para a educação de jovens e adultos?

Na verdade, romper o modelo de instrução tradicional implica um alto grau de competência pedagógica, pois para isso o professor precisará decidir, em cada situação, quais formas de agrupamento, seqüenciação, meios didáticos e interações propiciarão o maior progresso possível dos alunos, considerando a diversidade que inevitavelmente caracteriza o público da educação básica de jovens e adultos.

Nesse terreno o investimento é de risco, pois inovações que não considerem as condições concretas dos professores para conduzir processos de formação flexíveis, provavelmente, acabarão redundando em posturas laxistas e no barateamento dessa modalidade educativa. Sem dúvida, a cautela é imprescindível, mas também o é a disposição dos educadores e dos pesquisadores da área em se apoiar mutuamente em experimentos inovadores e controlados de organização do ensino.

Transformações de tal ordem na qualidade das práticas de educação de jovens e adultos só se darão, é certo, à medida que se profissionalize o pessoal dedicado a essa área. Cabe, portanto, pensar em formas de prover essa especialização aos educadores que por ela se interessem, qualquer que seja a instância formativa, na mesma medida em que isso seria apropriado para outras modalidades como a educação infantil, especial, fundamental, média etc. Mas cabe também considerar que a problemática relacionada à educação de jovens e adultos merece compor o currículo de formação básica de todos os educadores.

Afinal, diz respeito a nós todos a luta contra a exclusão social e educativa, a superação da perspectiva assistencialista da educação compensatória e a articulação de sistemas de ensino inclusivos, que viabilizem múltiplas trajetórias de formação.

De acordo com PERRENOUD (1999), os mecanismos sociais que geram desigualdades e exclusão são complexos e difíceis de transformar. Promover uma distribuição mais igualitária do conhecimento por meio da educação é uma tarefa desafiadora tanto para os educadores como para os pesquisadores e teóricos que têm como tarefa produzir conhecimento que balize esse empreendimento.

Partindo destas premissas gostaria de estar expondo um pouco do que seja o EJA e as formas de atuação dos mesmos em prol da cidadania de seus alunos.

2.1 A Historicidade do conceito de Educação de Jovens e Adultos

Segundo GADOTTI (2001), até a segunda guerra mundial, no plano internacional, a EJA era concebida como extensão da educação formal para todos, sobretudo, para os habitantes das periferias urbanas e zonas rurais.

A partir da I Conferência Internacional sobre Educação de Adultos realizada na Dinamarca (1949), a educação de adultos foi concebida como uma espécie de educação moral. A escola não havia conseguido evitar a barbárie da guerra. Ela não havia dado conta de formar o homem para a paz. Por isso se fazia necessária uma educação paralela, fora da escola, cujo objetivo seria contribuir para o respeito aos direitos humanos e para a construção de uma paz duradoura, que seria uma educação continuada para jovens e adultos, mesmo fora da escola.

Depois da II Conferência Internacional sobre Educação de Adultos, realizada em Montreal (1963), aparecem dois enfoques distintos: a educação de adultos concebida como uma continuação da educação formal, como educação permanente, e, de outro lado, a educação de base ou comunitária.

Depois da III Conferência realizada em Tóquio (1972), a educação de adultos voltou a ser entendida como suplência da educação fundamental (escola formal). O objetivo da educação de adultos era reintroduzir jovens e adultos, sobretudo os analfabetos, no sistema formal de educação. Em 1985, em Paris, deu-se a IV Conferência, onde foram discutidos temas como: alfabetização de adultos, pós-alfabetização, educação rural, educação familiar, educação da mulher, educação em saúde e nutrição, educação cooperativa, educação vocacional, educação técnica, ampliando, assim o conceito de educação de adultos.

A Conferência Mundial de Educação para Todos, realizada em Jomtien (Tailândia), em 1990, entendeu que a alfabetização de jovens e adultos seria uma primeira etapa da educação básica. Ela consagrou, assim, a idéia de que a alfabetização não pode ser separada da pós-alfabetização, isto é, separada das necessidades básicas de aprendizagem.

No contexto latino-americano diversas concepções vão surgindo historicamente e se dividindo em múltiplas correntes e tendências que continuam até hoje.

Até os anos 40 a educação de adultos era concebida como uma extensão da escola formal, principalmente para a zona rural. Era entendida como democratização da escola formal.

Na década de 50, a educação de adultos era entendida principalmente como educação de base, como desenvolvimento comunitário. No final dos anos 50, duas são as tendências mais significativas na educação de adultos: a educação de adultos entendida como educação libertadora, como conscientização (Paulo Freire) e a educação de adultos entendida como educação funcional (profissional), ou seja, o treinamento de mão-de-obra mais produtiva, útil ao projeto de desenvolvimento nacional dependente.

Na década de 70, essas duas correntes continuam. A primeira entendida basicamente como educação não-formal, alternativa à escola, e a segunda, como suplência da educação formal. No Brasil se desenvolve nessa corrente o sistema de MOBREAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), com princípios opostos aos de Paulo Freire.

Segundo PAIVA (*apud* GADOTTI e ROMÃO, 2001), no Brasil, até a segunda guerra mundial, a educação de adultos foi integrada à educação chamada popular, isto é, uma educação para o povo, que significava difusão do ensino elementar.

Depois da segunda guerra, seguindo tendências mundiais, a educação de adultos foi concebida basicamente como independente da educação elementar, muitas vezes

com objetivos políticos populistas. Segundo Gadotti (idem), a história da educação de adultos propriamente dita, no Brasil, se divide em três períodos:

- de 1946-1958, onde foram realizadas grandes campanhas nacionais de iniciativa oficial, chamadas de “cruzadas”, sobretudo para erradicar o analfabetismo, entendido como um câncer que precisava ser exterminado, por isso se falava de “zonas negras de analfabetismo”;

- de 1958-1964, em 58, foi realizado o 2º Congresso Nacional de Educação de Adultos, que contou com a participação de Paulo Freire. Partiu daí a idéia de um programa permanente de enfrentamento do problema da alfabetização que desembocou no Plano Nacional de Alfabetização de Adultos, dirigido por Paulo Freire e extinto pelo Golpe de estado de 1964, depois de um ano de funcionamento. A educação de adultos era entendida a partir de uma visão das causas de analfabetismo, como educação de base, articulada com as reformas de base, defendidas pelo governo popular/ populista de João Goulart. Os CPCs (Centros Populares de Cultura), extintos logo depois do golpe militar de 1964, e o MEB (Movimento de Educação de Bases), apoiado pela Igreja e cuja duração foi até 1969, foram profundamente influenciados por essas idéias.

- o governo militar insistia em campanhas como a “Cruzada do ABC” (Ação Básica Cristã) e posteriormente, com o MOBREAL.

O MOBREAL foi concebido como um sistema que visava basicamente ao controle da população (sobretudo a rural). Em seguida, com a redemocratização em 1985, a Nova República, sem consultar os seus 300 mil educadores extinguiu o MOBREAL e criou a Fundação Educar, com objetivos mais democráticos, mas sem os recursos de que o MOBREAL dispunha.

A educação de jovens e adultos foi, assim, enterrada pela Nova República e o auto denominado Brasil Novo (1990) do primeiro presidente eleito depois de 1961, criou o PNAC (Plano Nacional de Alfabetização e Cidadania), apresentado com grande pompa publicitária em 1990 e extinto no ano seguinte sem qualquer explicação para a sociedade civil que o havia apoiado.

Em 1989, com a finalidade de preparar o Ano Internacional da Alfabetização (1990), foi criada no Brasil a Comissão Nacional de Alfabetização, de início coordenada por Paulo Freire e depois por José Eustáquio Romão. Ela ainda continua até hoje, com o objetivo de elaborar diretrizes para a formulação de políticas de alfabetização em longo prazo que nem sempre são assumidas pelo governo federal.

Explica-se assim, o histórico distanciamento entre sociedade civil e estado no Brasil no que se refere aos problemas educacionais. Até hoje existe muita desconfiança

em relação às iniciativas do Estado, mesmo quando seus dirigentes têm compromissos com o povo.

2.2 Novos Paradigmas na Educação de Jovens e Adultos

Segundo Gadotti e Romão (2001), a história de muitos dos alunos com mais de 15 anos analfabetos ou com escolaridade incompleta inscritos nas salas de EJA no Brasil se assemelham e constata a triste forma como a educação é vista em nosso país, principalmente nas cidades interioranas e nos estados em que as pessoas têm menor poder aquisitivo: pais analfabetos ou machistas, necessidade de trabalhar, inexistência de escolas, paternidade e maternidade precoces e falta de dinheiro, transporte, comida e oportunidades.

Com o advento da globalização e da busca de qualificação profissional e mudança de vida neste mundo competitivo em que vivemos, muitas destas pessoas que não tiveram a oportunidade de frequentar os bancos escolares na idade adequada, hoje voltam às salas de aula em busca do tão sonhado diploma, de instrumentos que o habilitem a viver no mundo de informações e elaborar pensamentos e ações de forma crítica, pois disso depende a auto-estima, a identidade e até a possibilidade de conseguir um emprego.

O professor que tem uma turma de EJA sabe das dificuldades de manter o interesse dos alunos, que chegam cansados do trabalho; de planejar aulas, que tenham relação com a vida deles e que não sejam uma versão empobrecida do que é dado às crianças e aos adolescentes.

Um dos maiores desafios dos professores de jovens e adultos é acabar com a estranheza que a escola causa a muitos logo nos primeiros dias de aula. O modelo que a maioria guarda na memória é de salas com carteiras enfileiradas, quadro-negro, giz, livros, caderno e um professor que fala o tempo todo e passa lição e mais lição. O que faz com que muitos alunos ao participarem de outras atividades como debates, palestras, sessão de cinema, passeios para estudo do meio etc sintam-se enganados.

Para solucionar este problema o educador deve mostrar que os recursos variados fazem parte da aprendizagem, relacionando-os com o conteúdo da aula. Para isso ele pode antes de passar um filme, ler um texto pertinente ao mesmo, fazendo depois da exibição uma discussão sobre as partes mais interessantes de ambos e depois solicitando

que se faça um registro por escrito do que foi aprendido, para que os alunos tenham o sentimento de apropriação do conhecimento.

Desta forma o professor aos poucos mostrará aos alunos que existe um mundo além do quadro e do giz: há filmes, músicas, entrevistas, documentários, livros e tantas coisas interessantes às quais a maioria não tem acesso. Cabe ao educador mostrar que o conhecimento não está apenas no livro ou em sua fala, mas em tudo que nos cerca, no nosso cotidiano.

Os passeios para estudo do meio são excelentes oportunidades para os alunos perceberem que existe aprendizado para além da sala de aula, pois nestes eles podem estabelecer relações, conhecer in loco o objeto de estudo, criar e ousar, ensinando as disciplinas como elas aparecem na vida, pois projetam que fazem sentido para os alunos, mostram que o mundo não pode ser dividido por disciplinas, como acontece na escola.

Assim eles começam a relacionar os conteúdos estudados com fatos do cotidiano e do trabalho, relacionando-os. Exemplos disso são trazer as experiências de trabalho da turma para compartilhar com os colegas.

A escola pode, também, apresentar o mundo cultural aos alunos, relacionando os conteúdos trabalhados em sala de aula com as manifestações culturais da cidade e do mundo. Isso pode ocorrer com os professores organizando visitas a exposições de arte, museus ou recebendo artistas na escola, que expõem seus trabalhos e suas idéias.

Nestas turmas são comuns casos de estudantes que nunca foram ao cinema ou teatro e esses projetos torna esses adultos mais sensíveis à ação transformadora da arte. A mente se abre, as pessoas começam a ficar mais críticas.

Um fator que contribui para a integração dos alunos do EJA à escola e permite a sua continuidade nos estudos é a integração dos alunos ao ambiente escolar. O aluno precisa sentir que aquele espaço é deles também, e não apenas emprestado. Ele precisa ter acesso à biblioteca, a sala de informática e de todos os ambientes que a escola proporciona aos alunos dos cursos regulares, sem contar sua participação em festas e eventos da unidade.

Acredito que a fim de se evitar a evasão dos jovens e adultos existem técnicas fáceis de proceder e que auxiliam na maior causa do fracasso dos projetos de jovens e adultos, pois quem se matricula tem a auto-estima devastada. O estudante sente vergonha de nunca ter estudado, ou de ter parado de estudar a muitos anos e medo do ridículo e do desconhecido, sem contar o cansaço e as preocupações que só os adultos têm, como pagar as contas ou educar os filhos. São estas:

- mostrar que a atitude de voltar a estudar não deve ser motivo de vergonha, mas de orgulho;
- ajudar os alunos a identificar o valor e a utilidade do estudo em sua vida, por meio de atividades ligadas ao seu cotidiano;
- elaborar aulas dinâmicas e estimulantes para competir com a televisão, o futebol, a novela ou ir para casa dormir após um dia cansativo de trabalho;
- ser receptivo para conversar, pois muitos vão à escola preocupados com problemas pessoais ou profissionais;
- mostrar que a aula é um momento de troca entre todos e que o saber do professor não é mais importante que o dele;
- valorizar e utilizar os conhecimentos e as habilidades de cada um. Isso pode mudar o seu planejamento no meio do caminho, mas as aulas vão ficar mais interessantes;
- promover entre os colegas o sentimento de grupo. Quando criam vínculos, eles se sentem estimulados a participar das atividades.

Por fim, a metodologia apresentada aos alunos deve mostrar aos educandos que o estudo faz diferença no seu cotidiano. *“Morria de vergonha de não saber assinar meu nome. Estar em uma escola tão boa, que ensina a ler, escrever e saber dos meus direitos é como ganhar na loteria”*, palavras de Luiz Antonio dos Santos, 35 anos, aluno da EJA em Santo Antonio de Posse.

3. O DESAFIO DE RECOMEÇAR: A QUESTÃO DA FORMAÇÃO

“Eu adoro ensinar e é algo que venho fazendo há muito tempo. No início, por necessidade, mas, depois cada vez mais, por prazer.” (GAILLARD, 2004, p.11)

Reiniciar foi mais difícil ainda. Confesso que queria voltar aos bancos escolares, porém o curso não era o que eu mais queria no momento.

Como estava trabalhando na Rede Municipal de Santo Antonio de Posse a pressão para ter uma graduação em Pedagogia era demais. Com a parceria que a prefeitura havia feito com a Unicamp há um ano a pressão se tornou maior ainda e neste caso seríamos a segunda turma do Proesf. Uma vez tomada esta decisão me empenharia em buscar o melhor.

Chegou o dia do Vestibular, uma tensão total, mas, enfim era o passe para o início de uma nova fase em minha vida. Não foi tão simples quanto pensei que fosse, e respondi todas as questões e deu certo. Isso não deixou de ser uma prova, afinal de contas um teste é sempre uma incógnita, ninguém sabe o que vai acontecer.

A partir deste momento deixei as aulas da EJA que eram no período noturno, e em agosto de 2003, começou o primeiro semestre do Proesf, uma tensão: muitos prédios diferentes, uma aula em cada lugar. Enfim, demorou um mês para me situar. Em cada semestre muita coisa nova foi aprendida, os professores me ensinaram a observar tudo com um outro olhar, a questionar, a me transformar, enfim nada está parado, nada é estático, afinal trabalhamos com pessoas, que possuem sentimentos, sonhos, desejos.

Neste tempo todo de curso, a cada semestre algumas aulas me encantaram e se mostraram diferenciadas. As aulas de Multiculturalismo com a assistente pedagógica Luciana Teston Sivalle eram bem diversificadas e realmente mostraram-me o quanto é importante trabalhar as diferenças que estão presentes em todos os lugares e que tem um valor implícito para cada membro de sua comunidade.

As aulas de Pesquisa Educacional me deram outro norte, transformando o modo com que até então eu abordava a “pesquisa” em si. A assistente pedagógica Maristela R. F. Martin era muito calma e transmitia tudo com muita tranquilidade. E além do enfoque dado à palavra pesquisa, foram nessas aulas que também descobri a importância do registro e do olhar.

Já as aulas de Teoria Pedagógica e Produção em Artes, com a assistente pedagógica Heloisa Helena Saviani, eram descontraídas, ao começar com a sala onde ficávamos mais à vontade, os colchões e as dinâmicas. Foram aulas com o intuito de

demonstrar que em todas as práticas artísticas existe um aprendizado. Desenhar, pintar, construir imagens, cantar, tocar, dramatizar exige disciplina e objetivo claro que vão além do simples fato de se estar mostrando algo novo ao aluno.

Mariana Ventura assistente pedagógica de Teoria Pedagógica e Produção em Ciências e Meio Ambiente exigia muita leitura e dedicação nas aulas, procurando nos levar a perceber que precisamos ajudar nossos alunos a ter discernimento entre o senso comum e o pensamento científico. Aprendendo a diferenciar um do outro. Inclusive as aulas Magnas com relação a esta disciplina foram sempre voltadas para a ampliação deste conceito.

As aulas de Gestão e Planejamento Escolar/ Educação com o assistente pedagógico Odair de Sá Garcia abriram ainda mais o leque de como questionarmos sempre tudo e como nos prepararmos para administrar, cuidar de uma escola, de uma classe, enfim da nossa vida.

O Memorial de Formação faz com que todos os nossos pensamentos se voltem para ele, e cada lembrança é um motivo para registrar, desenvolver um texto que fará parte do Memorial.

Enfim, todas as disciplinas me ensinaram a refletir muito e a ter um bom embasamento teórico, para me impor em sala de aula, ou em um outro lugar, a importância da leitura, a quebra de preconceitos, tudo isso trago comigo, e levo para as salas de aula, para a minha vida.

Tem um poema de Neruda que a assistente pedagógica de Teoria Pedagógica e Produção em Matemática, Marilac, nos trouxe que gostaria de deixar registrado neste memorial como síntese do que foi esta disciplina para mim e talvez para todo o grupo. E para mim ele é especial, pois quando olho para as senhoras e senhores que freqüentam as aulas da EJA vejo em seus rostos a expressão viva da poesia de Neruda. Eles estão mais vivos do que nunca e querem ousar cada vez mais, mesmo tendo 80 anos de idade e isso para mim é muito significativo.

“Quem morre

Morre lentamente quem não viaja,
Quem não lê, quem não ouve música,
Quem não encontra graça em si mesmos...
Morre lentamente quem se transforma em
Escravo do hábito, repetindo todos os dias
Os mesmos trajetos, quem não muda de marca,
Não se arrisca a vestir uma nova cor ou não

Conversa com quem não conhece...
Morre lentamente quem evita uma paixão,
Quem prefere o negro sobre o branco e
Os pontos sobre os “is” em detrimento de
Um redemoinho de emoções justamente as que
Resgatam o brilho dos olhos, sorriso dos bocejos,
Corações aos tropeços e sentimentos.
Morre lentamente quem não vira a mesa
Quando está infeliz com o seu trabalho,
Quem não arrisca o certo pelo incerto
Para ir atrás de um sonho,
Quem não se permite pelo menos
Uma vez na vida fugir dos conselhos sensatos.
Morre lentamente, quem abandona um projeto
Antes de iniciá-lo, não pergunta sobre um assunto
Que desconhece ou não responde quando lhe
Indagam sobre algo que sabe.
Evitemos a morte em doses suaves,
Recordando sempre que estar vivo exige
Um esforço maior que simples fato de respirar.
Somente a perseverança fará com que conquistemos
Um estágio esplêndido de felicidade.”

Pablo Neruda.

Como quase todas as alunas da sala onde estudo, eu também dava aula o dia inteiro, quando ingressei no Proesf. No início, no município de Holambra como professora de 5ª à 8ª séries no período de manhã e Santo Antonio de Posse com uma sala de pré-primário à tarde. Isso foi por um ano e meio. Depois do meu casamento em janeiro de 2005, passei a dar aulas de Matemática de 5ª a 8ª série no período da manhã em Jaguariúna, onde fui chamada num concurso que eu quis muito passar, e à tarde trabalho com meu marido em nossa empresa onde comercializamos flores e plantas na cidade de Holambra.

Hoje não atuo mais com o EJA especificamente. Mas ao terminar a faculdade pretendo voltar a ministrar aulas para esta turma e aplicar o que aprendi na faculdade com a mesma. Como deixo claro em todo o meu memorial, temos poucas teorias sobre

este seguimento da educação no Proesf, mas o pouco que aprendi pretendo aprimorar, para que minha prática se torne mais eficiente e qualitativa.

3.1 A formação dos professores de Educação de Jovens e Adultos

Embora tenha gostado e aproveitado tudo o que aprendi, senti muita falta de uma disciplina direcionada especialmente para a Educação de Jovens e Adultos, que é o meu norte de trabalho. E esta formação se faz muito importante e necessária, pois os educadores de EJA têm muita ou quase nenhuma voz nos cursos de Pedagogia, que sempre privilegiam a educação da criança e do adolescente.

É claro que a teoria Piagetiana de como a criança aprende a ler e escrever pode e deve ser utilizada com os adultos, pois o processo de aprendizagem é basicamente o mesmo, mas a forma de abordar o tema trabalhado é outra e isso deveria ser discutido nos cursos de formação.

Ainda aproveitando as teorias de Gadotti e Romão (2001), nos últimos tempos, a pesquisa educacional brasileira vem abordando um amplo conjunto de problemas relacionados à formação e ao desempenho dos educadores que atuam no Ensino Fundamental. Quando a área de estudos é a educação de jovens e adultos, a esses problemas se junta mais um: a falta de formação específica dos educadores que atuam nessa modalidade de ensino, resultando numa transposição inadequada do modelo de escola consagrado no ensino fundamental de crianças e adolescentes, como se a vivência deste contingente educacional fosse igual a dos mesmos.

Muitos destes estudos atestam a forma infantilizada e assistencialista com que muitos professores tratam seus alunos, provavelmente por terem tido uma formação voltada para as crianças e adolescentes e por ter maior experiência neste campo pedagógico. E reforçando representações como essas, que podem povoar tanto o imaginário dos educadores quanto dos educandos, temos no terreno da educação de jovens e adultos, políticas de Estado que também concorrem para cristalizá-las.

Ainda que nas últimas décadas tenhamos assistido aos esforços de alguns governos municipais e estaduais no sentido de consolidar o espaço da educação de jovens e adultos como parte integrante do conjunto de políticas educacionais. Em alguns casos inclusive transferindo serviços anteriormente alocados em órgãos de assistência social para as secretarias de educação. Algumas das políticas recentes induzidas pelo governo federal vêm reproduzindo gravemente a concepção assistencialista dessa modalidade educativa. Um exemplo disto é o programa *Alfabetização Solidária*, cuja

estrutura organizacional e mecanismo de financiamento não favorecem a consolidação de redes capazes de promover de forma continuada tanto a educação dos jovens e adultos como a formação de educadores para assumir a tarefa.

A meu ver outra iniciativa governamental discutível é o *Programa Letra Viva*, em que qualquer pessoa com oitava série pode ministrar aulas para até dez pessoas por turma e ganhar cento e cinquenta reais por isso. Questiono o programa por entender que iniciativas assim denigrem quanto à imagem do professor e a sua formação que acabam se tornando supérfluos.

Sem dúvida, a perspectiva assistencialista e infantilizadora da EJA é um fator que prejudica a constituição do campo, limitando as condições de se ofertar aos educadores uma formação adequada, que considere as especificidades do público dessa modalidade educativa.

Outra representação corrente em nossa sociedade prende-se à perspectiva que concebe a Educação de Jovens e Adultos como uma ação de caráter voluntário, marcada por um cunho de doação, favor, missão, e movida pela solidariedade tal como concebida na perspectiva liberal de ajuda aos mais pobres, de caridade para com os desfavorecidos.

Tais representações, além de desprofissionalizar o educador de jovens e adultos e a própria ação educativa com eles desenvolvida, distancia a EJA de um estatuto próprio, que subsidie a formulação de propostas teórico-metodológicas compatíveis com as vivências e os saberes daqueles aos quais se destina. Perde-se, assim, a possibilidade de nortear a Educação de Jovens e Adultos conforme os fundamentos da educação unitária que visa superar a distinção qualitativa entre a formação daqueles que concebem e dirigem da daqueles que executam e são subordinados.

Acredito que a partir do momento em que a universalidade do direito ao Ensino Fundamental fosse também reconhecida pela opinião pública, pelos governos, pelos educadores e pesquisadores da educação, os mais de 70 milhões de brasileiros maiores de 14 anos que não completaram o Ensino Fundamental poderiam entrar na sala de aula sem o constrangimento de sentir-se num lugar que não lhes é próprio.

Desse modo a educação de jovens e adultos avançaria também na definição de um campo específico de prática e reflexão pedagógica, superando o paradigma da educação compensatória em prol de uma visão mais prospectiva, que articule a educação básica e a educação continuada como direitos de todos.

A institucionalidade das práticas de educação de jovens e adultos e sua constituição como campo de pesquisa e reflexão pedagógica estabeleceriam, nesses

sistemas de estímulos recíprocos entre a prática educativa e a produção de conhecimentos, as condições para que se acumulasse um corpo de saberes práticos e teóricos passível de ser organizado como conteúdo da formação inicial dos educadores e fonte para seu aperfeiçoamento profissional por meio da formação contínua.

A formação dos educadores de EJA tem que estar mais voltada para as questões práticas. Claro, que a teoria não deve ser desprezada, pois uma está implicada na outra, mas estes professores precisam respeitar as condições culturais do jovem e do adulto analfabeto, eles precisam fazer o diagnóstico histórico-econômico do grupo ou comunidade onde irão trabalhar e estabelecer um canal de comunicação entre o saber erudito e o saber popular.

Ler sobre educação de adultos não é suficiente. É preciso entender, conhecer profundamente, pelo contato direto, a lógica do conhecimento popular, sua estrutura de pensamento em função da qual alfabetização ou a aquisição de novos conhecimentos têm sentido.

Não se trata de medir a qualidade da educação de adultos pelos palmos de saber sistematizado que foram assimilados pelos alunos. Ela deve ser medida pela possibilidade que os dominados tiveram de manifestar seu ponto de vista e pela solidariedade que tiver criando entre eles.

Por isso é importante a organização coletiva. É preciso criar o interesse e o entusiasmo pela participação, nosso papel de educador de jovens e adultos é de animador cultural, articulador, organizador, intelectual. Não podemos ser ingênuos nem espontaneístas. É óbvio que para o governo não é de interesse que se organize os grupos para questionarem o poder vigente, mas isso é perfeitamente possível em pequenos grupos.

Construímos o futuro a partir de um lugar, isto quer dizer, que é a partir de um referencial local que é possível pensar o nacional, o regional e o internacional. Não se trata de negar o acesso à cultura geral elaborada, que se constitui num importante instrumento de luta para as minorias. Trata-se de não matar a cultura primeira do aluno, de incorporar uma abordagem do ensino/ aprendizagem que se baseia em valores e crenças democráticas e procura fortalecer o pluralismo cultural num mundo cada vez mais independente.

Por isso que a educação de jovens e adultos deve ser sempre uma educação multicultural, uma educação que desenvolve o conhecimento e a integração na diversidade cultural. É uma educação para a compreensão mútua, contra exclusão por

motivos de raça, sexo, cultura ou outras formas de discriminação. A primeira filosofia que o educador de adultos deve se formar é a filosofia do diálogo.

Alfabetizar não é uma coisa intrinsecamente neutra ou boa; depende do contexto. A alfabetização na cidade e no campo tem conseqüências diferentes para os alfabetizandos. A alfabetização por si só não liberta. É um fator somado a outros fatores. E o alfabetizando que aprende a ler e escrever, mas não tem como se exercitar na leitura e na escrita regride ao analfabetismo.

Existem também problemas metodológicos não resolvidos pela maioria dos programas implantados. Na verdade ninguém alfabetiza ninguém. O alfabetizador não alfabetiza o aluno, ele é o mediador entre o sujeito e o objeto deste processo de apropriação do conhecimento. Para exercer essa mediação, o professor precisa conhecer o sujeito e o objeto da alfabetização.

Essa mediação consiste em estruturar atividades que permitam ao alfabetizando agir e pensar sobre a escrita e o mundo. Como dizia Piaget, é o sujeito que constrói o seu próprio conhecimento para se apropriar do conhecimento dos outros.

Nossos alunos adultos não podem ser tratados como crianças cujas histórias de vida apenas começam. Eles querem ver a aplicação imediata do que estão aprendendo. Ao mesmo tempo, apresentam-se temerosos, sentem-se ameaçados, precisam ser estimulados, criar auto-estima, pois as suas ignorâncias lhe trazem tensão, angústia, complexo de inferioridade. Muitas vezes têm vergonha de falar de si, de suas moradias, de suas experiências frustradas da infância, principalmente em relação à escola. É preciso que tudo isso seja verbalizado e analisado. O primeiro direito dos alfabetizandos é o direito de se expressar.

Há muitos anos que os teóricos nos têm ensinado que a realidade do adulto é diferente da realidade da criança, mas ainda não incorporamos esse princípio nas nossas metodologias.

A educação de jovens e adultos tem algumas especificidades que todo educador deve levar em conta ao atuar com este contingente educacional. A primeira dela é o fato de que esta obriga a nós educadores a focalizar nossa ação pedagógica no presente, enfrentando de forma mais radical a problemática envolvida na combinação entre formação geral e profissional, entre teoria e prática, universalismo e contextualização etc. Sem dúvida, a funcionalidade das aprendizagens constitui um fator de motivação dos jovens e adultos que retornam à escola, mas a consideração de necessidades práticas geradas em contextos de vivência não deve comprometer outros aspectos que dão sentido à educação escolar e que lhe são específicos.

A orientação do ensino para exigências do mundo do trabalho ou qualquer outro contexto específico de vivência não deve implicar a renúncia ao distanciamento crítico em relação à realidade imediata. A oportunidade de descolar-se da ação imediata para poder dedicar-se à elaboração do próprio conhecimento é uma das especificidades da aprendizagem escolar que outras instituições sociais dificilmente podem promover com a mesma intensidade.

Certamente é fundamental desenvolver pesquisas que esclareçam quais competências e saberes são exigidos pelos contextos de trabalho e por outras dimensões da vida cotidiana (RIBEIRO 1999). Entretanto, também é de extrema relevância a análise de como saberes e competências relacionados aos contextos existenciais dos jovens e adultos trabalhadores poderiam ser abordados pedagogicamente de modo a fazer avançar sua capacidade crítica, criatividade e autonomia, e não meramente como capacitação para tarefas específicas, sem maior relevância cognitiva ou atitudinal.

Outro fator a ser considerado diz respeito à consideração das características cognitivas dos alunos jovens e adultos e das possibilidades de integrar os saberes adquiridos em sua experiência de vida e os conteúdos escolares. Nesse aspecto, os desafios à formação dos educadores são muito grandes, pois, para promover essa integração de forma produtiva, é necessário um alto grau de compreensão da estrutura dos conteúdos escolares por um lado e, por outro, dos procedimentos mentais de que lançam mão jovens e adultos para resolver problemas práticos do cotidiano e explicar os fenômenos que os rodeiam.

A psicologia do desenvolvimento infantil é um dos campos das ciências que mais recorrentemente é chamado para fundamentar propostas pedagógicas. Por isso mesmo, o amadurecimento de uma psicologia dos adultos, tanto no que se refere à dimensão cognitiva quanto motivacional, seria fundamental para se superar a concepção de que o desenvolvimento é algo que ocorre apenas durante o período de desenvolvimento biológico intenso (infância e adolescência), fazendo parecer irrelevantes as características específicas de outras fases da vida e os efeitos que a aprendizagem pode produzir também durante a idade adulta.

Um conjunto de estudos que certamente pode subsidiar a ação dos educadores de jovens e adultos nessa direção é o que aborda as especificidades do conhecimento prático ou espontâneo, tendo como contraponto os conhecimentos teóricos, científicos ou escolares.

Compreender o que é específico do tipo de pensamento que a escola desenvolve é fundamental para que os educadores não julguem erroneamente certas respostas dos

alunos jovens e adultos como respostas típicas de crianças. Se os alunos têm dificuldades em, por exemplo, reagir a determinadas instruções da forma esperada, não é porque sofram de algum retardo de desenvolvimento, mas porque não estão suficientemente familiarizados com procedimentos que são tipicamente escolares (Oliveira 1995).

É fundamental que os educadores entendam que certas operações de tipo formal e mesmo certos estilos de aprendizagem – por exemplo, os baseados na instrução verbal ou na explicitação de procedimentos utilizados – não são aquisições naturais de todos os seres humanos, mas dependem de um tipo específico de exercício intelectual muito característico da prática escolar.

Esse instrumental teórico ajudaria também a nós, educadores, a distinguir mais claramente no que é que, de fato, a escolarização pode fazer diferença para os jovens e adultos. Estaríamos, assim, mais aptos, a fazer escolhas pedagógicas mais acertadas diante da premência que caracteriza as necessidades de aprendizagem de jovens e adultos, mediante suas condições reais de dedicação aos estudos.

Finalmente, é necessário considerar mais um aspecto crucial para a formação de educadores capazes de promover uma educação de jovens e adultos mais eficaz e acessível ao público que a ela tem direito. Trata-se da necessidade de desenvolver competências para atuar com novas formas de organização do espaço-tempo escolar, buscando alternativas ao ensino tradicional baseado exclusivamente na exposição de conteúdos por parte do professor e avaliação somativa do aluno.

Os professores de jovens e adultos devem estar aptos a repensar a organização disciplinar e de séries, no sentido de abrir possibilidades para que os educandos realizem percursos formativos mais diversificados, mais apropriados às suas condições de vida. Os jovens e adultos merecem experimentar novos meios de aprendizagem e progressão nos estudos, que não aqueles que provavelmente os impediram de levar a termo sua escolarização anteriormente.

O princípio da flexibilidade é recorrentemente evocado nos documentos curriculares de programas de Ensino Fundamental dirigidos ao público jovem e adulto; entretanto, observamos que as formas de concretização desse princípio são limitadas. Em algumas propostas de grande penetração, a flexibilidade é traduzida na individualização do ensino, principalmente por meio de modalidades de atendimento não-presenciais.

Nesses casos, a tendência é diminuir a importância do papel do educador na regulação dos processos de aprendizagem dos alunos, os quais supostamente estariam

aptos a controlar seus próprios tempos e procedimentos de estudo, tendo como referência principal os materiais instrucionais. Estudo sobre as condições de alfabetismo de jovens e adultos paulistanos (RIBEIRO, 1999) sugere que a capacidade de autorregulação para tarefas que envolvem leitura de textos para busca de formação e instrução exige um grau considerável de experiência com a cultura letrada e escolar, experiência essa que majoritariamente corresponde à do pessoal com pelo menos o Ensino Médio completo.

Para mim, as modalidades de ensino a distância que não provêm o suporte regulador do educador e de um grupo de colegas, não parece ser o mais adequado para o ensino fundamental, ao menos para a grande maioria dos que necessitam essa modalidade educativa, constituída de pessoas que foram alijadas não só da escola, mas também dos espaços sociais em que predomina a cultura escrita.

Além disso, é uma constatação muito freqüente, em diversos estudos sobre a educação de adultos, que as aprendizagens mais valorizadas pelos educandos que concluem seus estudos encontram-se no terreno das atitudes. Sabendo que os conteúdos atitudinais dependem de experiências sociais carregadas de afetividade, é inevitável ponderar também os limites de propostas de ensino que não promovem interações sociais.

Criar novas formas de promover aprendizagens fora dos limites da organização escolar tradicional é uma tarefa, portanto, que impõe antes de qualquer coisa um enorme desafio para nós educadores, principalmente no atual estágio de desenvolvimento das pesquisas sobre o tema.

Afinal, diz respeito a todos a luta contra a exclusão social e educativa, a superação da perspectiva assistencialista da educação compensatória e a articulação de sistemas de ensino inclusivos, que viabilizem múltiplas trajetórias de formação.

Por fim, fazendo minhas as palavras de Gadotti (2001), para que possamos acabar com o analfabetismo em nosso país, seria preciso que o sistema público de ensino fosse capaz de reter o contingente de alunos matriculados no ensino fundamental. Para tanto se faz necessário oferecer escola pública para todos, adequada à realidade onde está inserida, para que seja de qualidade. Assim, ela deve ter uma gestão democrática e participativa, que integre a comunidade e os movimentos populares na construção e definição de sua identidade. Enfim, ela deve ser autônoma para que também possa ser cidadã.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“ Restituir à escrita seu caráter social é uma tarefa muito grande que, por si só, cria uma ruptura com as práticas e as competências didáticas tradicionais. (FERREIRO, 2001, p. 11)

Ao terminar esse memorial, quase ao mesmo tempo em que o curso também se finda sinto-me invadida por sentimentos contraditórios que me assustam e levam a refletir sobre a magnitude desse processo louco e lindo chamado vida.

Processo este que envolve muito mais que apenas ensinar e aprender, mas também refletir sobre este processo para torná-lo, mais abrangente e passível de transformação. É assim que me sinto em relação à Educação de Jovens e Adultos, minha educação, enquanto estudante de Pedagogia da Unicamp e professora de educação infantil e das séries ginasiais neste momento.

Todos estes lugares diferentes onde a educação se processa têm em comum, em sua dicotomia, o fato de serem espaços privilegiados de transformação, de renovação da práxis em prol de mudanças sociais. E na EJA este aspecto se dará de forma mais contundente se trabalharmos de forma conscientizadora e por isso mesmo transformadora do status quo de nossa sociedade.

Em meu pensar, a EJA está entrando em um estágio de transição, saindo de uma etapa em que a modalidade conta apenas com a utilização de modelos pré-definidos de trabalho e do esforço individual dos profissionais da área, partindo para uma etapa de estudo e reflexão para futuras mudanças, corporativas, educacionais, pedagógicas e cognitivas.

Com base no que analisei, posso concluir que toda a teoria sobre a EJA, que perpassa décadas e décadas, ainda continua em plano utópico, apesar dos educadores dessa modalidade terem este conhecimento e discurso embasados teoricamente. Mas com cursos de formação deficitários no que tange a esta especificidade do ensino público, as transformações acabam ocorrendo de forma muito superficial e com pouco aprofundamento reflexivo. Visto que nas universidades pouco ou quase nada se discute sobre as especificidades da alfabetização de adultos.

Na Unicamp mesmo pouco discutimos sobre esta parte da Educação básica e quando isso ocorreu se prendeu mais a parte da história da construção do EJA e sobre a

teorias de Paulo Freire e seu método de Alfabetização de Adultos. Tudo isso deixa a impressão de que o analfabetismo não existe ou deve ser desconsiderado, pois o importante é o ensino das crianças e adolescentes.

A acomodação dos educandos é um outro fator que colabora para o estado de mesmice dos educadores, pois esses se acostumaram com os materiais que lhe estão sendo oferecidos como sendo o único meio de aquisição da leitura e escrita e não procuram cobrar dos educadores outras posturas e métodos de ensino. Até porque vêm de uma situação de exclusão educacional, que leva a um sentimento de inferioridade que dificulta a tomada de conscientização.

Penso como seria a reação e a desenvoltura desses educandos frequentadores da EJA ao se tornarem partícipes de projetos que atualmente estão sendo propostos como a alfabetização digital, em que é dada a oportunidade dos alunos terem contato com a informatização, tão presente em nossa vida moderna. Será que não ocorreria uma resistência ao novo, ao diferente em uma clientela com pouca oportunidade de estudo? Ou será que, sendo trabalhado de forma eficaz, conseguiria despertar o interesse em se utilizar às novas tecnologias, que a cada dia passam a compor mais e mais o nosso cotidiano?

A partir dessas conclusões, tendo em vista também algumas considerações no sentido de recomendar que sejam feitos cursos regulares de capacitação para os profissionais atuantes nas classes da EJA, para que os mesmos possam refletir sobre sua prática e criar estratégias para modificar essa prática descontextualizada. O investimento por parte do Município, subsidiando materiais didáticos para que se possam criar ambientes estimuladores do processo da aquisição da leitura e da escrita; a parceria dos familiares e da própria instituição de ensino, em dar credibilidade à atuação dos educadores, no sentido de não cobrar que a cartilha seja utilizada e preenchida em um tempo mínimo fixado. E, por fim, poder contar com a disposição, boa vontade e entusiasmo dos professores em assumir esse compromisso de mudança, para que esse espírito de transformação contagie e motive os educandos das classes da EJA e para que os mesmos também lutem para ser partícipes de uma prática educativa coerente com a realidade cultural por eles vivenciada.

Outro fator a ser considerado seria a inclusão, nos cursos de formação de disciplinas que abordassem especificamente a Educação de Jovens e Adultos.

Dessa forma estaria se legitimando e trazendo para a academia discussões que procurem evidenciar as especificidades desta categoria educacional. Bem como formas de se trabalhar e refletir sobre a práxis educativa, a partir de paradoxos que não levem

apenas em conta o público a que esta se destina, em detrimento da discussão sobre a educação e crianças e adolescentes.

Finalizando, cabe aos educandos jovens e adultos compartilhar esse projeto não como beneficiários, mas como sujeitos que exercitam um direito e têm o dever de participar. Aos educadores, cabe compartilhar o projeto não como aplicadores de fórmulas, mas como portadores críticos de uma experiência e criadores de alternativas. Finalmente, aos acadêmicos cabe reconhecer a insuficiência dos subsídios que têm podido aportar à prática e a disposição para superá-la, assumindo a reciprocidade como princípio norteador de sua missão como formadores de educadores.

Apreendi muito na faculdade e pretendo utilizar muito do que aprendi em minha prática educacional com jovens e adultos. Nesse processo de aprendizagem no Proesf cresci e tornei-me mais crítica e seletiva no meu trabalho. No entanto senti e sinto falta de políticas públicas voltadas para a Educação de Jovens e Adultos. Talvez no momento em que estiver concluindo este memorial, e o curso, estas já estejam sendo estudadas. Porém fica aqui a minha decepção com esta parte da formação que não vi contemplada.

Por fim, é possível vida sem sonho, mas não existência humana e história sem sonho. E construir novas abordagens educacionais para a Educação de Jovens e Adultos são sonhos possíveis se lutarmos juntos: educadores, comunidades, gestores, educandos por novas formas de atuação mais democráticas e participativas e, por isso mesmo, mais cidadãs e transformadoras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FERREIRO, Emília. *Reflexões sobre alfabetização*. São Paulo: Cortez, 2001
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 14 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- FREIRE, Paulo, *A Escola* disponível no site do Instituto Paulo Freire (www.paulofreire.org). Acesso em novembro de 2005.
- FUCK, Irene Terezinha. *Alfabetização de Adultos. Relato de uma experiência construtivista*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- GADOTTI, M., ROMÃO, J.E. *Educação de Jovens e Adultos*. São Paulo. Cortez, 2001.
- GAILLARD, Christian. Acordos e desacordos de um casal: um junguiano lecionando com uma lacanianiana. **Pro-Posições: Dossiê Educação Estética**. Universidade Estadual de Campinas - Faculdade de Educação. Campinas, SP: vol. 15, nº 1(43)- p. 11-18, jan./abr. 2004.
- HADDAD, Sérgio. *Promoção de programas de alfabetização, pós-alfabetização e educação de adultos com vinculação das instituições de ensino superior no Brasil*. São Paulo: Cedi, 1989.
- MANFREDI, Silvia Maria. "Trabalho, qualificação e competência profissional: Das dimensões conceituais e políticas". *Educação & Sociedade* nº 64. Campinas, v. 19, set. 1998, pp. 13-49.
- OLIVEIRA, Marta Kohl. "Letramento, cultura e modalidades de pensamento". In: KLEIMAN, Ângela B. (org.). **Os significados do letramento: Uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 1995, pp. 147-160.
- PERRENOUD, Philippe. *Pedagogia diferenciada*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
- RIBEIRO, Vera Masagão. *Alfabetismo e atitudes: Pesquisa com jovens e adultos*. São Paulo; Campinas: Papirus, 1999.
- SOARES, Magda. *Metamemória: travessias de uma educadora*. São Paulo: Cortez, 2001.
- VYGOTSKY, L.S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.